

A MEMÓRIA TEM HISTÓRIA: REFLEXÕES PIBIDIANAS A PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS E VIVÊNCIAS DA SALA DE AULA.

Vivian Vital Gualberto¹
Sílvio César Lopes da Silva²

Introdução

O presente trabalho surgiu a partir de um relato de experiência desenvolvido numa sala de aula na E.E.E.F.M Caic José Jofilly, situada na cidade de Campina Grande – PB. A partir da nossa intervenção e participação nas turmas dos ensinos fundamental e médio, priorizamos e focamos o nossas ações na turma do 6º ano no turno da tarde. Ele resulta depois de observamos e acompanharmos uma atividade desenvolvida pelo professor, quando o mesmo abordou o gênero textual memória e junto aos alunos, trabalhando textos e contextos, situando o gênero textual e dando embasamentos para logo em seguida os alunos participassem com suas produções.

Assim, além da teoria e de objetivos claros, a atividade despertou naquele momento, nos alunos, o gosto pela escrita. O que revela-nos o poder contagiante que determinadas práticas exercem nos sujeitos, ao mesmo tempo a forma como a escrita deve ser abordada na sala de aula, de maneira leve e solta, despertando antes de tudo o interesse nos sujeitos envolvidos.

Problematização/ Objetivos

O cotidiano da sala de aula, sempre é desafiador. A cada dia novos desafios surgem, o que nos faz refletir a importância do planejamento e da preparação do professor, para que eventuais imprevistos, sejam driblados. Sobre essa questão Estaban (2003, p.127) nos chama a atenção para o fato que, “o cotidiano é o espaço-tempo do desprezível, do irrelevante, do episódico, do fragmentado, do repetitivo, da rotina; assim como as classes populares constituídas por sujeitos sem importância, pequenos, desprezíveis, marginais.” Ou seja, aquilo que muitos desprezam, e que seria o rotineiro, é o que significa de fato a existência do cotidiano.

¹ Graduanda do Curso de História Pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Bolsista do Programa de Iniciação à Docência – PIBID-UEPB multidisciplinar. História – Campus I da UEPB. E-mail: vivianguualberto9@gmail.com

² Professor da educação básica no Estado da Paraíba. Graduado em Filosofia, letras e pedagogia. Mestre em Mestrado profissional em formação de professores- UEPB. Supervisor bolsista do Programa de Iniciação à Docência – PIBID-UEPB multidisciplinar. E-mail: sclop3@yahoo.es

Como fazer desse cotidiano algo motivador para o professor e o aluno? Ao olharmos para as práticas de produção textual, é possível sair da mesmice de cada dia, que engessa o pensamento, a criatividade e não desperta o interesse do aluno? Muitos são os desafios enfrentados, porém, a cada situação/problemas, fomos driblando com o entendimento e encaminhamento necessários.

Para isso, foi necessário transitarmos sobre o desafio da interdisciplinaridade que segundo Fazenda (2008), caracteriza-se por ser uma atitude de busca, de inclusão, de acordo e de sintonia diante do conhecimento. Ou seja, dialogamos assim, com as disciplinas de história, língua portuguesa e filosofia, narrando fatos e acontecimentos, leitura, releitura e interpretação textual, além do ato de pensar, descobrir e redescobrir, com base nesse “tripé” pensamos em extrair, do diálogo formado entre essas disciplinas, além das produções textuais, uma maior reflexão sobre o assunto abordado. Isso nos faz afirmar, que língua e texto não podem ser dissociados, uma vez que como conjunto de práticas sociais (MARCUSCH, 2010), revelam mundos e contextos, os quais na sala de aula, não podem ser esquecidos.

Resultados e discussões

Ao longo das atividades desenvolvidas, desde a primeira proposta a execução da mesma, fomos percebendo a motivação dos alunos a qual nos permitiu aproximarmos ainda mais dos mesmos. Foi possível observar algumas questões como: dificuldades no entendimento da proposta, lacunas no processo formativo, alunos com lacunas no processo de alfabetização, escrita e interpretação de textos. E em alguns casos, alunos com problemas relacionados a convivência familiar, desde a ausência ao abandono dos pais.

Assim, com maior integração com a disciplina de português, pois dela, nos beneficiamos das aulas discutidas sobre gêneros textuais³, trilhando sobre o gênero cartas. Foi explanado juntamente com os gêneros textuais o tema que estaria associado à “história e memória” tendo em vista como objetivo contribuir com a identidade que está totalmente correlacionada com a memória e a construção de sujeitos.

O sujeito histórico que se configura na inter-relação complexa, duradoura e contraditória entre as identidades sociais e as pessoais, trazendo a capacidade de se

³ Entendemos o gênero textual a partir daquilo que Marcuschi (2008), um estudo com enfoque multidisciplinar, com enquadramento na linguagem e nos aspectos das ações culturais e sociais, uma vez o gênero está ligado as práticas sociais discursivas.

reconhecerem como verdadeiros construtores da história, atuantes na história através dos seus próprios relatos enquanto alunos.

Seguimos beneficiados dessa escrita e interpretação, não com textos longos ou minimamente explicativos, mas com a oportunidade entregue ao aluno de olhar para si, falar de si, possuindo voz para partilhar suas vivências motivando atividades que valorizassem a atividade intelectual do aluno no desenvolvimento e envolvimento com a proposta das cartas que favorecessem sua autonomia para também aprender⁴ que,

História é a ciência que tem por fim tratar dos acontecimentos notáveis da vida da humanidade e estudar as leis que presidem o progresso e a decadência das sociedades humanas. (Berquó, 1887, p.1)

Assim, problematizando o ensino de história não somente como uma disciplina de método “decoreba”, cansativa ou somente ligada a acontecimentos do passado que não traz serventia para os dias atuais, uma vez que sujeitos e tempos, estão mudando constantemente. Dessa forma, apresentamos o ensino de história que possibilita ao aluno refletir sobre seus valores e práticas cotidianas, e relaciona-las com um papel importante na configuração da identidade ao incorporar a reflexão sobre o indivíduo nas suas relações pessoais com o grupo de convívio, suas afetividades, sua participação no coletivo e suas atitudes de compromisso com classes, grupos sociais, culturais, valores e com gerações passadas e futuras.

Sobre essa questão, Zamboni (1993), em artigo publicado sobre o papel da História na construção da identidade, e mais especificamente a partir daquilo que se é ensinado na escola, afirma que:

[...] o objetivo fundamental da História no ensino fundamental, é situar o aluno no momento histórico em que vive [...]. O processo de construção da história de vida do aluno, de suas relações sociais, situado em contextos mais amplos, contribui para situá-lo historicamente em sua formação social, a fim de que seu crescimento social e afetivo desenvolva lhe o sentido de pertencer. (ZAMBONI, 1993, p.7)

A construção de identidades pessoais e sociais está relacionada à memória, já que tanto no plano individual quanto no coletivo, ela permite que cada geração estabeleça vínculos com as gerações anteriores. Os indivíduos, assim como as sociedades, procuram preservar o passado como um guia que serve de orientação para enfrentar as incertezas do presente e do futuro.

⁴ Uma das afirmações de Silva (2014), a partir da observação da sala de aula e da interação dos alunos na sala de aula e nas redes sociais, é que a produção textual sendo ela curta ou longa, revela o posicionamento do alunos e ao mesmo tempo sua participação quanto a escrita. O mesmo crer que este já é um passo, mesmo que curto, para futuros textos e reflexões amplas.

Le Goff (1990), depois de uma longa explanação sobre os percursos da história e da maneira de pensá-la chega à memória como importante para construção da história, para ele o papel da memória coletiva é justamente auxiliar na classificação e legitimidade. Assim,

A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia. Mas a memória coletiva é não somente uma conquista é também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades cuja memória social é sobretudo oral ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória (LE GOFF, 1990, p. 476).

Concordamos com o autor, quando o mesmo chama-nos a atenção para o fato que, a memória enquanto identidade remete a construções coletivas e individuais. E se atentarmos para aquilo que os alunos foram sinalizando em seus textos: as brincadeiras, as viagens, acontecimentos, os amigos e a família, nos damos conta do quanto é necessário pensarmos a memória como algo vivo, que perpassa toda a existência dos sujeitos.

Considerações finais

Por mais que a academia nos prepare para a sala de aula, tendo esse olhar crítico e reflexivo das práticas nesta desenvolvidas, nada se compara ao cotidiano escolar e sua dinâmica. Ao longo daquilo que fomos observando, vivendo e aprendendo, podemos confirmar ainda mais o nosso percurso formativo. Se ontem tínhamos dúvidas quanto a sala de aula, hoje temos a certeza, esse é o caminho certo.

Muitos são os desafios que o cotidiano nos apresenta, como misteriosa e provocadora é a própria vida, porém, a partir daquilo que estudamos, temos a certeza que é possível aprender um pouco mais, daí concordarmos com Freire (2011) quando o mesmo afirma “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”. E que esse mundo, a escola, nos revele novos mundos a cada dia, nos prepare para a vida.

Referências Bibliográficas

BERQUÓ, J. M. da G. **História Antiga do Oriente**. Rio de Janeiro: Livraria Clássica de Alves & C., 1887

ESTEBAN, M. T. Sujeitos singulares e tramas complexas – desafios cotidianos ao estudo e à pesquisa. In: REGINA, R. L. (Org.) **Métodos, métodos e contra métodos**. São Paulo: Cortez, 2003.

FAZENDA, I. C. A. (org.). **O que é interdisciplinaridade?** São Paulo: Cortez, 2008.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 50 ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

MARCUSCHI, L.A. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 10. ed.- São Paulo: Cortez, 2010.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. 3ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

SILVA, S. C. L. **Produção textual e tecnologias: um estudo etnográfico de uma sala de aula de língua portuguesa da educação básica**. 2014. 107f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação Profissional em Formação de Professores - PPGPPF) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande - PB.